

Libro B

1.º volume

Julio Viera
Demônio do Abaixo Dia

Poesia



1894

1
Ella...

Desenhais annos, d'olhos gemâes,
Redondo pescoço e peito alvejante,
De termo e doce olhar: muito elegante,
Bés pequenos e labios ~~de~~ coraes.

Albãos pequeninas, alva dentadura,
Bracos roliços, seio saliente
Envolto em fitta tulle transparente,
Cabelllos negros e bella cintura.

Eis um vulto chamado mulher,
Que é a obra mais completa da Natureza
Que faz feliz o homem, se quizer;

Imagens das imagens a mais pura,
Olhar, não, a mais maldora, se eu dixer:
Bés de mim o que faz a rocha dura!

Torre Vedras, 25-de julho de 1894

Julio Vieira.

primeira poesia que fiz

Explicação

Estes tres primeiros sonetos são as
versões que fiz antes de ter noções
~~mas premeditadas~~ de poética, poder iro não
admirar que esteja em mal feito,
querendo eu conservar-las como es-
tão, para recordação da minha
mocidade.

Fozes Vedras, 26 de novembro de
1873 -

Julio Vieira

Desengano

Quando eu dizia que ella era tão bella,
De olhar juvenil. Sim, quando dizia
Que tinha uma voz com mui melodia,
Que puro e terno era o coração d'ella!

Eu, elevado pela esperança e amor,
Delectava-me co' aquella voz suave;
Mas que amor aquelle que roou como uma areia!
Deixou-me na maior da minha dor!

Teu nome é o mais puro e virginal...
E amei-te, não pensando o que fazia,
A ti, querido amor angelical!

Se tu não foses tão bella, oh! Maria,
Ou se jurado não me houveses mal,
Mas feito grande dor não crearia!

Fozes Vedras, agosto de 1874

Julio Vieira

3
Offerendo ao meu ^{amigo} Antonio Justino
da chancelaria, como prova de sympathia
e amizade.

Nas margens do Lizandro

Quando do Lizandro, a Nympha fugitiva
Corria atravez dos verdejantes prados,
Brindo, acenando e gritando a largos brados,
Chamando por outra Nympha sensitiva,

Sempre me alegrava, assim que alegre a via,
Seguindo-a escapar-se, como ~~uma~~ uma ave,
E ouvindo-lhe aquella voz, que era tão suave,
Nos bosques d'onde eu sempre sahia a via.

A Nympha, que vai correndo e gritos dando,
Pelo campos outra Nympha vai seguindo,
Seguindo até pelas margens do Lizandro,

Que correndo vai, pelo leito e fugindo
Aos gritos que as duas Nymphas veem dando,
As Nymphas, que as agoas puras estão sentindo.

Porres Vedros, 9 de fevereiro de 1891.

Julio Velloso

Amores Beatutinos

Romppe a aurora a negra noite,
Fada brilha a branca lua,
Vejo as nuvens a correrem,
Tambem vejo a imagem tua.

E' tão bello estar sentado
S' bella luz do luar!
Jão tão suaves os encantos
D'este mortal bem-estar!

Entre as hervas, entre os prados,
E nos jardins entre as roças
No seu rólis as sambras suas
Mostram-se lindas, formosas!

Depois já os pamarintus
Que vagueiam a chilrear,
Vêm doces recordações
Em minha alma despertar.

5-
Em seguida vai-se a lua
Desmaiada mais tornando,
Porque do Sol o sempre
Ella vem annunciando.

Tinalmente este apparece
Sempre alegre e radioso
Eine, sorrindo, vem bater-me
No seu rosto fulgoroso.

*

Foge, fuge, donzella tão tímida,
Voa, voa, assim como a nagaia;
Abas, cantella!... Tu não vês que o vento
Levantar quer-te a tua fina saia?

Porru Vedro, 12 de março de 1891

Julio Vieira

Realidade

Eu não quero esquecer, mas eu não posso,
Quando uma noite, envolta em negro manto,
Quis enchugar do fraco peito vago
Um silencioso e tão amaro pranto!

Resistias, oh! tímida gazella,
Ao natural e simples meu desejo;
Resistias, oh! tímida donzella,
A que eu te dene um terno e longo beijo.

Meas ficante vencida, finalmente!
Tua fronte deitaste no meu peito,
Abandonada e tão languidamente,
Lem que ao menos timeres: - Não aceito!

Eu não quero esquecer, mas eu não posso,
Essa noite que em sonho nós passamos,
Em que, leucos, unidos no amor narro,
Lem cenar, ternos beijos nós tracámos!

Porro Vedra, 14 de setembro de 1894

Julio Vez.

Recordações

Requeitava estar entre as bellas rochas
E vivia na montanhas escabrosas;
Recolhia-me ás grutas mais escuras
E os dias passava entre pedras duras.
Assim chorava a triste vida minha,
Solinho e arrebatado,
Sem que arribasse á minha única avezinhã;
Até que resolvi um dia fugir
E os rumores d'um valle pude ouvir.
Aqui meus pensamentos emitti
E o murmuro das agoras eu senti
Já estava extasiado!

Abinha voz fortemente echoou nos ares,
Como o vento sibilla sobre os mares.
E, rosinho, sem que ninguém me ouvisse,
Estas palavras tristemente eu disse:

— Dizei-me, oh! valles se além
Não panou nunca ninguém?

— Heim?

O echo me respondeu
Pelo valle onde elle nasceu.
— Quem foi que antes de ser eu
Estes valles não temeu?

— Eu!

— Tu? Echo tão profundo
Occulto do falso mundo!
— Qual pé foi o que pisou
Esta flor mortificou?

— Ficou!

— O pé da donzella
Ficou? Quem era essa bella?

— Ella!

O echo respondia;
E alli, eu que desalleciã.
Ella? — Não és tu que a sentes,
Echo ~~da~~ ^{valles} ~~que está~~ dormentes!

- Abentes!

- Dizei-me

Que envolve

a esta pega

Qu'enta

- An

Simen

Do que

Laue e faz

As estrellas fa' vinham appar'cendo
E eu a gruta me fui logo escondendo.

Fomes Vedras, 16 de outubro de 1894.

Julio Vieira.

Desagravo

—Desatado! Cabeça espaventada!
Da promessa que tinhas antes feito,
Te esqueceste! Não ^{vês} o que teu peito
Prometteu a tua joven bem amada?!
—

Talvez digas que não juraste nada?!
Seu amor antevejo já desfeito!
Tua alma com um traço mui imperfecto,
Dos vivos considero já r'ecada!

—Pois quê? Olinha alma já apagada esta?
Olhica! — Se me esqueci? Não vês que a adoro?
E para que olvida-la, olha eu não vá,

Repara que o amor seu agora imploro!
Vem donzella a meus braços, mas já, já;
Não te demores, pois não vês que eu choro!!

Fozes Vedras, 12 de novembro 1895—

Julio Vieira

A uma borboleta

Voa, voa, borboleta,
Borboleta que és dourada;
Voa, voa eternamente
Em redor da minha amada!

Tuas asas elegantes
Eu contemplo sempre alvoroço,
Quando batem uma na outra,
Elevando assim teu corpo!

Voa, voa, borboleta,
Pousa aqui sobre esta flor;
Voa, borboleta, voa,
Em redor do meu amor!

Tu és o ideal constante e bello
De minha fraca memoria!
A minha alma é tua, insecto!
Tu és a minha única gloria!

12
Ágil, louca, borboleta,
Pertence-te a minha vida!
Dá as azas em redor
Da que me é estremecida!

.....

Quando disser que eu morri
O sino do campanário,
Peco-te ^{que} voes também
Com volta do meu sudário!

E depois, então voarás,
Insecto cheio de mysterio,
Em redor da minha campa
Occulta no cimiterio!

José Vedra, 16 de novembro de 1894

Julio Vieira.

13
A noite de uma batalha

De repente um som forte e prolongado
Anunciava aos soldados vacillantes,
Que o campo da batalha era tomado,
Que se ia decidir os triumphantes.

Um signal a trombeta dá profundo
E a matança são todos arrastados;
Parece ser chegado o fim do mundo,
Que que p'las ballas são atravessados.

Cacofusão! Victóriosos e vencidos!
Uns cahem vingativos, d'olhos tortos
Um cima e ao lado d'outros já caídos;
Outros chegam, para serem também mortos.

Canhões na negra noite silenciosa
Ferem os ares, sempre fumegantes;
Formando-a com seus fogos luminosos
Os cavalleiros que restam e infantes.

Outro combate p'ra encher mais a historia!
Um sabre, um capacete alli disperso
Mostrava aos vencedores a sua gloria!
Parecia o derivate do Universo!

Marchando sobre os corpos ainda quentes,
Elles combatem de peito arquejante,
Heirtos, lívidos e rangendo os dentes,
Ao mesmo tempo que exclamam: - Avante!

Por um momento tudo foi esquecido!
Tudo! até mesmo a propria realidade!
E os que restam, que não temham morrido,
Ainda fogo farão, p'la Liberdade!

Torres Vedras, 28 de novembro de 1895

Julio Vieira

Dia d'amor

(A minha tia Humacencia de Jesus Veiga)

Seu cheiro tão intenso a carne anada
De intello, perui, pato e gallinha,
Seu hoje esta sabuêda da corinha!
Abor que cheiro! Seu coisa demorada!

Toda a noite, na sala illuminada,
Volteja uma figura num fraquinha,
De formosa e esvelta donzellinha,
Parecendo talvez mais que convidada!

Seu de sorrisos entre estes folgedos!
Seu de petiscos sobre a toalha alva,
'spalhados, como fossem uns brinquedos!

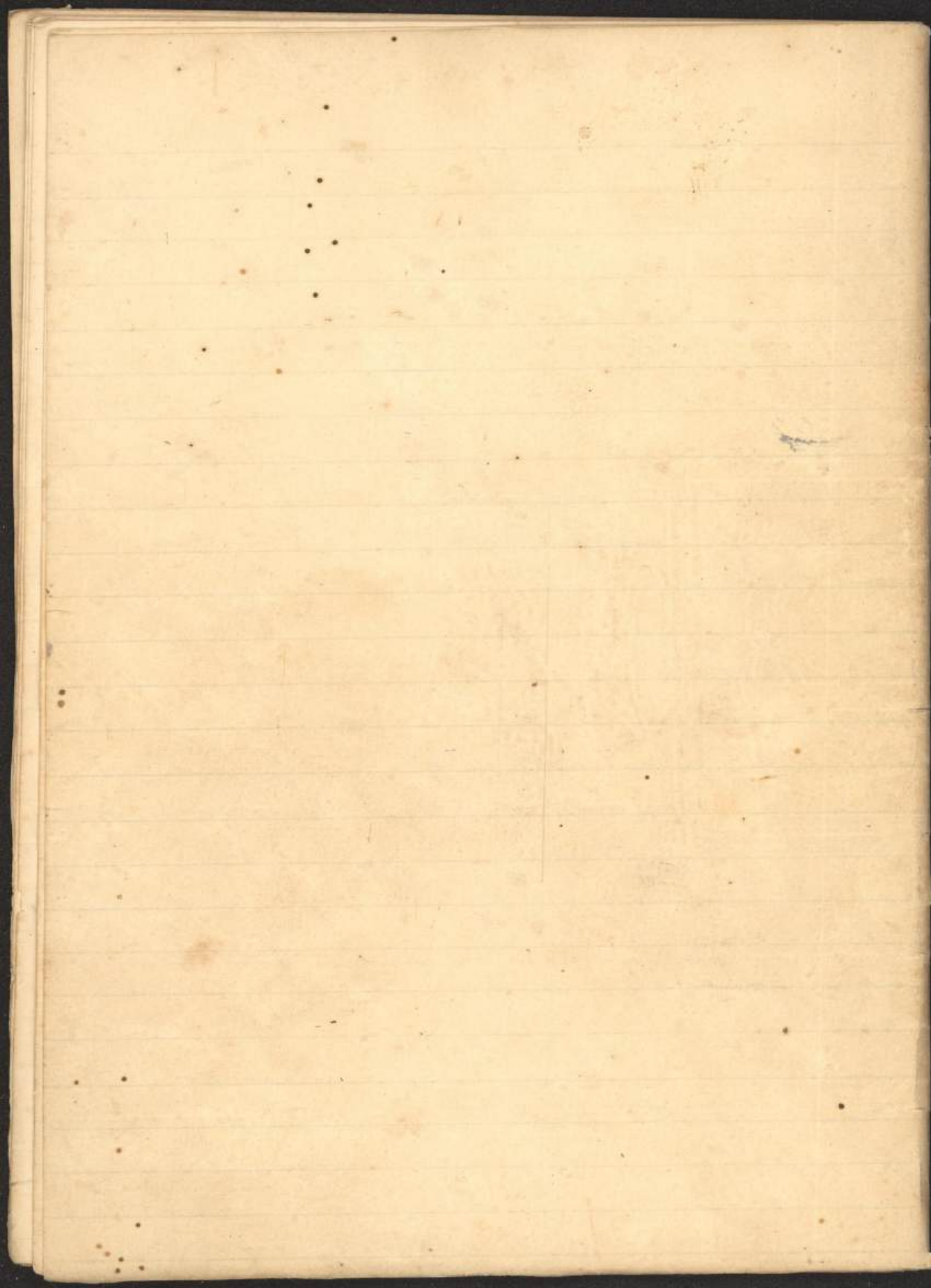
Nas mãos de cada um vê-se uma malga!
- Seu significa, pois, estes averêdos?!
- É que faz amor cá, a namorada Fidalga!

P. Vedra, 17 de janeiro de 1896.

Julio Vieira.

Indice

	pagina
Elle	1
Desengano	2
Nas margens do Rio Amazonas	3
Amores matutinos	4
Realidade	5
Recordações	7
Desagravo	10
A uma borboleta	11
A noite de uma batalha	13
São d'annos	15-
Fins de janeiro	16
Meerim do norte	47



2.^o volume

Quero

Julio Vieira

Poesia

1896

1
Um beijo na mão

Não sei qual a razão
Porque um beijo na mão,
Um só beijo, te fêz indignar tanto!
Também finges que occultas largo pranto?!
Enganadora! Tu és toda illusão!
Tantos bem, mostrar indignação!...

Até mesmo sem tu cindades,
Apesar de gritares:
«—Oh! isso não se faz!»
Julgas, não sou capaz
De mais doiz, vinte, cem beijos te dar?
Não costumo pedir, mas offerter!

Não sei qual a razão
Porque um beijo na mão,
Um só beijo, assim muito te vangane!
Pois bem, p'ra outra vez sera' na face!

Pouco Vedro, 6 de fevereiro de 1896.

Julio Vieira

2
Tão bom é o ladrão como o consentidor

—
Ella

Pergunto-te se consegues
Que este dê sómente um beijo?
Responde-me sem que o negues,
Satisfaz-me este desejo.

Eu

Eu m'explico: tu não dás,
Não é por ti que são dadas;
Meas comentes (tanto faz)
Que por mim sejam roubados.

Poures Vedra, 25 maio de 1876

Julio Henriques

Amor dos homens,

O que é o amor dos homens? Flor do hamene!
Penacho de velludo numma flôr,
Botão d'espuma, a que é chamado amor,
Botão perdido, que os sapros causamem!

O que é o amor dos homens? Pior do homem,
Pela mulher espantada em ruins horas
Es ^o tem breve; Oh! triste que não choras
A perda d'os seus peitos que se rompem!

O corpo de uma bocca desdenhosa
Te desfolha, sem dôr, nem mesmo do!
« Ah! está o amor das harmonias, triste e no!...
Fumir-se das meus lábios cor de rosa...!! »

Sobre pateta ~~de~~ tu, em desdenho
 O amor dos homens, flor, d'amor que vou!...
 Altiva! o que eu dizer não te magoa,
 Pois em ti não ha nada a mediar!

Nas phrases por ti ditas, n' a esmo,
 Não pensaste que nada tem valor!
 Se entendes que a affecto está na flor,
 Te minto que as mother's nem imo mesmo!

Charles Jones Leiden 8 de agosto de 1838
 Julia Wright.

A uma ingratição

Quem te tirou de Santo' Cruz a ida,
É capaz de por ti dar sua vida

C.

4
Página negra
(avances da alma)

Quem me tirou de Santo' Cruz a ida,
Tirar-me-ha o resto da minha vida.

Pore Velho, Setembro 1848
Julius

Na noite de 2 de outubro de 1896 indo
a folhear este livro encontrei a página de-
cada que se intitula A uma ingratitude, neste
meu logar.

Sei de quem parte. e é com as lágrimas
nos olhos que eu escrevo esta linha, ane-
doto de teu feito soffrer, quem por mim
tem tanto amor. Elle que me perdão!

Briceira
Julia Vieira

No momento de paroxismo, em que, assim como com
mettemos involuntariamente uma ingratitude, também
muitas vezes, sem nos lembrar o passado escabroso, nem
pensarmos no futuro nebuloso, podemos perdão de uma culpa
que indubitavelmente expiámos.

A data em que escrevi o que acima se vê mostra-me
claramente que foi um impeto expellido do meu peito
pela poderosa influencia occulta da minha Bella Pá-
tria. Mas o que está escrito, escrito ficou e o que em
falta eu escrevo é sagrado! — 14-11-96. F. V. de S.

Julia Vieira

As damas que tomam banho em S. Sebastião da Península

As senhoras, que se banham
Naquelle praia d'além,
São de todo demaradas,
Não se envergonham d'alguem
Leve as expõe das esmoldas!...
Ohem lá, mudo ellas tenham
De vestir-se desmodosas,
Ou limpando-se ao lençol
Sobre as rochas espinhosas,
Com sarrafos de amolol,
Mostrando as fírmes do corpo
A quem as contempla absorto!...

Briceira, 29 de setembro de 1896

Julia Vieira

6
Moedrugada na praia

São quatro horas da manhã,
Toda a lua lá vai alta
E na praia a fina areia
S'enche e foge e salta.

Os rochedos que arrostam
As ondas estrepitosas,
Mal se veem arrojadas
S'beira mar, preguiçosas.

Está a noite abafada,
D'além bateja o sulano,
Brilha a lua e esparge
Seus raios no Oceano!

O leucal d'espuma branca,
Luz provoca a maresia,
Arrebata, faz feliz
E convida a poesia!

7
Rompe o dia. O crepusculo
Da manhã desappareceu.
Regiões novas já foram
cristalizadas por Morphem.

Do porto sahem os barcos;
Lá ao longe vai-se vendo
O mar que verde se torna
Com o Sol que vai nascendo.

Príncipe, 2 de outubro de 1896.

Julio Victor

(Na cruzada de S. Sebastião)

8
Ericieira

(A uma alma que sofre)

Ericieira! Palavra inolvidavel
Que o meu lapis acaba de escrever!
Em ti meditarei ate morrer,
O'prado amado! abysso improfundavel!

Mas quando! Energiu-me insondavel!
Tua recordação me faz remper
O peito, que ja' fraco de soffrer,
Mas esperava um conforto inaproveitavel!

Lito de que jamais m'esquecerei!
Sim! Fazei-me lembrar, sempre saudoso,
Dos dias que feliz aqui passei!

Está prestes! Momento tão penoso!
Retiro-me! Mas nunca olvidarei
O futuro, que trago esperanças!

Ericieira, 14 de outubro de 1876

(Vespera da m.^a partida)

Julio Vieira

A quem me offerece uma saudade.

Maior flor
Eu recebi
De tua mão!
Dada por ti,
Tem meu valor,
Sej: coração!

Maior flor
Por ti colhida!
Rosa saudade
Da tua vida
Foi em lugar,
Sej: amizade!

28-10-96.

Julio Vianna

10
Como um homem se transforma
num fumento

(Chatgra)

Existia um albardum
Do Panócas da Libreira,
Que fazia bem albardas,
Umaz verdes, outras pardas.

Appearecendo-lhe um diu,
Ala casa em que elle vivia,
O Panócas da Libreira,
Perguntou-lhe a albardeira,

Emquanto elle via um pariel
Le queria a citha e chavil.
- Ah! se quiro! e isto dizendo
Principiu, (caso estupendo)
A cithar-lhe, bem cithado,
E ficou todo albardado!

Quinto
Julho 1871.

11
Friendship's tribute

(To a soul that suffers)

Wee is me, if my sister to fail me!

Forer Vednes, 29-11-76

Julie Væring

(Para memoria de uma triste carta que eu recebi no dia 12
21 de novembro de 1896.)

Dor in-petto

Eu sou da tarde o crepusculo,
Eu sou da noite o luar,
Amo do ermo a frutega,
Amo o socego do mar!

Eu sou botão desfolhado,
Eu sou a lava da sorte,
Eu amo as landeas segrestes,
Eu amo o gelo da morte!

S'um anjo triste, bondoso
Eu sou o eremiterio!
Eu sou a fresta da vida,
Sou pedra de cemiterio,

Amo os arcanos equívocos
Amo o rocio da manha,
Mas mais que tudo isso eu amo
Minha irmã!

Fonseca
3 de dezembro de 1896

Julio Vieira

23 de dezembro de 1896

(Hymno)

Já nua noite está passada,
Chegar Dezembro a vinte e três,
O final som da badalada
Lembrau teu jugo de uma vez!
Dá de Festa! Olinha Logra
Lento um cantico em lavor
Daquelle cujo jugo respira
Nem mantia preme d'amor!
E tu, ó! Sol, que longe vaes
E tu, ó! Lua desmaiada,
E outros vós planetas mais,
Correndo em deida caminhada
Orbitas longas pelo espaço,
Para as vossas correrias
E projectae um claro baço
No mundo vil de hypocrisia,
Alheando d'engano e vício d'olho,
De teus verdugos holocausto,
Que tremora de pólo a pólo,
Por terminar teu jugo infante!

14
(Eis o penhor
De gratidão,
Eis o frasco
De teu irmão.)

João Vedor
Juliano

(Num alvarate:)

A. Venus pediu esmola
Etu dia um pobre amido,
Abas a deusa responden-the:
Tenha paucencia, irmão;

« Isto não é averga,
« Nem falta de caridade,
« É que nesta compraria
« So se attende a inocencia. »

Conclusão:

Retira-se o pobre velho,
Lamentando-se não ser
Libertino e fugaz moço,
Para a Venus appar'cer.

E dizia: « - hi! que se eu fosse
Cupido, o joven Cupido,
A amparar-me não teria
A deusa então resistido,

« Trazia-me logo esmola
« Das esmolas logo o dano,
« De abraços mais d'um certinho,
« De beijinhos um wagon!... »

St. Videns 3 fevereiro de 97

Julius Venz

16
Deus existe

—
Amim não me pôdeu alimhor de athen
Porque tenho, equal aos mais, um Deus que é meu.
Embora se fustem de o vir blasphemar,
Eu é que jamais o deixarei de amar!

O Deus que ctdão fez do barro das pannels
E lhe arrancou Lava de uma das castellas
Para mim valor não tem; é inventado;
Por mim nunca foi, nem será venerado.

O Deus que eu adoro é o mais bello e justo
E cheio d'encantos, deslumbrante em arte
E para se ver não cudeis que tem custo,
Basta abrir os olhos e elle apparece,
Não como qualquer nababo ou um radjah,

Abas sem fim, magnanimo, por toda a parte
E cheio d'encantos, deslumbrante em arte!
Esse Deus de que eu amo toda a nudeza,
Esse Deus não é mais do que a Natureza!

Pomes Vedras, 4 de junho 97
Julio Vaz

17
Pagina intima

— Lagrimas occultas —

E' no leito da doença,
De teus carinhos privado,
Longe em choro desalentado,
Sem ter fé, falta de creença!

Vãmente por ti eu clamo
Mas, — ai de mim! — estás longe!
Não meo silancio de monge,
Fô' vejo o meu puro engano!

E' no leito da doença,
Longe de tuas delicias,
Por me faltarem caricias,
Sem com falta até de creença!

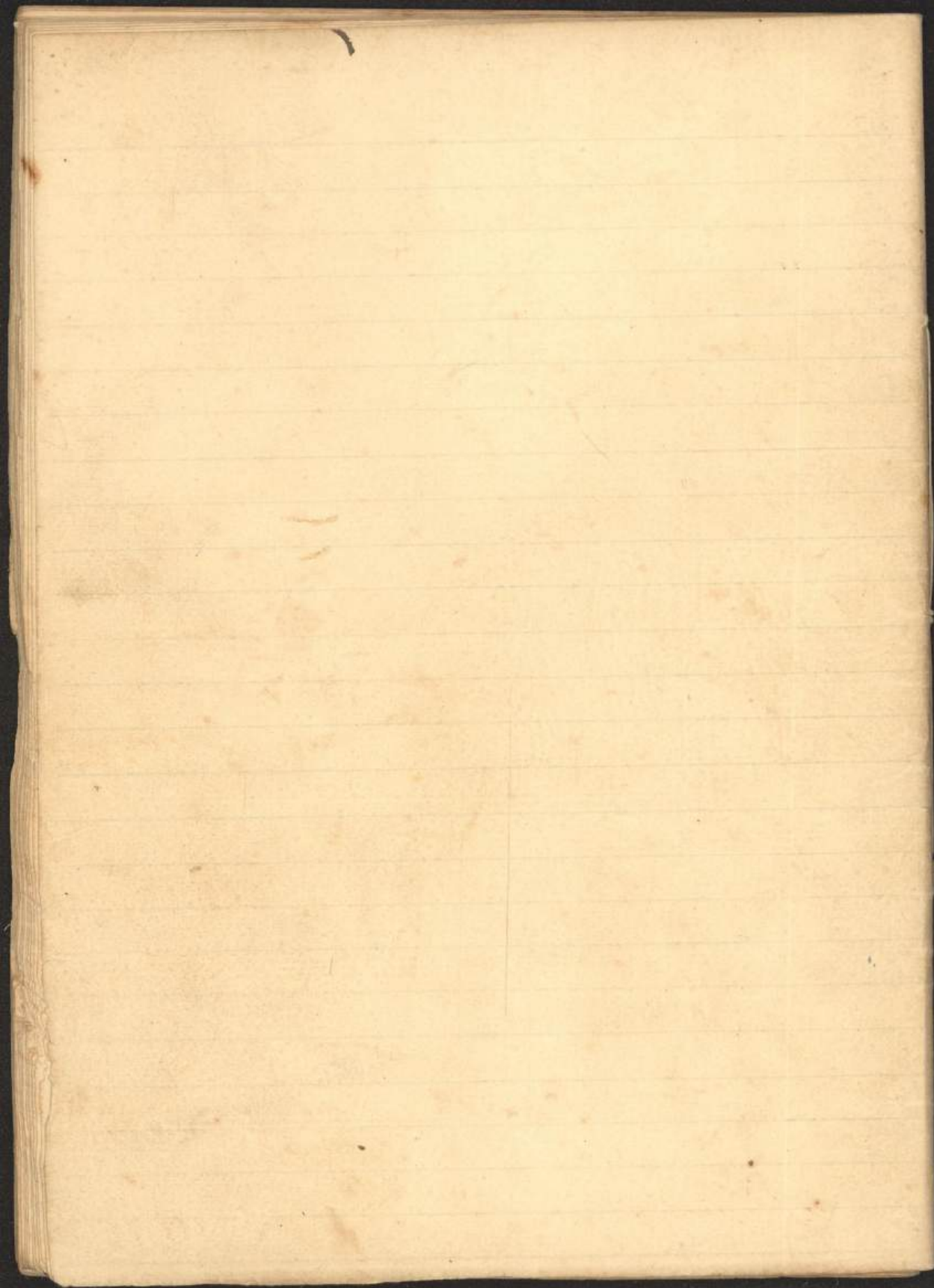
Fomes Vedor, 4 de fevereiro 1897

Juliano

— Índice —

	pag.
Um beijo na mão	1
Pão bom e o ladrão como a consuetude	2
Amor dos homens	3
Página negra (arranco de aluna)	4
(Espantamento e página derradeira)	4 verso
Adamos que tomam banho em S. Sebastião de Encarnação	5
Abadugada na praia	6
Griceira (na orinda de S. Sebastião)	8
A quem me offeteu uma sandade	9
Bom um homem se transformou numa furente	10
Brêndesp's tribute	11
Sor in-petto	12
23 de dezembro de 1896	13
(Conclusão de uns versos destacados de uma aluna)	15
Deus excite	16
Página interna - Páginas ocultas	17

Fim



3^o volume

Livro B

Julio Vieira

Poesia

1897

1
Numa ventarola que tem representada
a imagem de S.^{to} Antonio

Pobre Antonio! Pobre Santo!
Até serres para abano,
Nem respeitam já teu manto!
Seu tristeza e desengano!

.....

Mas tu ris, grande mariola!
Não te importas, oh' magano,
De servir's de ventarola,
Das mulher's seres abano!...

E' que tu és ^{+mesma} o demonio,
esperas sempre este bocejo:
« Oh! meu nãoo Santo Antonio,
« Deixa dar-te só um beijo!... »

Jones Vedor, 4 de fevereiro de 1897.

Jules Vidor

O bouquet

Pres cravos, e qual d'elles mais formoso,
Colhidos do jardim no seu repouso,
Em um bouquet reunidos
Veem-me regredar, cheios de gozo,
Juntos, aos meus amados.

Já o solta estava luar,
Lá a Phebe pelo céu
Já deixava de brilhar,
E exaudida em negro veu.

Eu os cravos contemplava
Não cabendo em alegria
E beijava-os e sentia
E em o orvalho lhes sugava.

Desta forma arrebatado,
Nem havia reparado
Que entre os cravos exaudido,
Espetado, mas pendido,
Se estendia mui juntinho
De myosotis um raminho.

Quando os cravos me fallaram:

"Junto a nós trazemos
"De mim não te esqueças,
"Para que evaguemos
"As nossas promessas."

Amim, que elle, acabaram,
Para as flores, eu offrei
E notei
Que a verdade elles fallaram:
Alli estavam.

E disseram todos tres,
Um por um, de cada vez:

"Eu, cravo roxo, indico sentimento,
"Venho aqui sem mentis,
"Vicoso, alegre, para traduzir
"Oculto pensamento."

Logo outro de belleza inda mais rico
Que fallou com argentes voz de estarte:

"Eu, de branco vestido, significo
"Salgeseu inclinação,
"Inclinação, sabeis d'onde ella parte:
"Parte d'um coração!"

"E eu, todo de encarnado, (acrescentou
"Ultimo dos cravos, em seguida);
"De todos os interpretes eu sou
"Symbolo de affeição
"E uma pessoa amaz correspondida
"Pelo vosso coração."

Tres cravos, e qual d'elles mais formoso,
Colhidos do jardim no seu repouso,
As myosotis reunidos,
Veem-me segredar, cheios de gozo,
Juntos, aos meus ouvidos.

Bons Vedes, 12 de Junho de 1877

Julio Vieira

4
No meu 17.^o aniversário
natalício

Sai-nos todos em folia!
Sia d'amor: Alegria!

Absterre Gueiro das mentiras,
Enroscado como um anão,
A dançar rompen as rios,
Abas agora já tem rommo,

Qu' entes se não me engana,
E' seu corpo que, cansado
Da tremenda cana-piana
Pede he muito estar mentado.

La' do Pedicard não se falla,
Esta mundo como a portão,
E' porque elle se se cala,
Não lhe agrada o arinho de horta...

Co' a Rosa, em coitada
Com a nome Ludavice
Cure as lindas irritadas...
Mas... p'ra mim olha e ri-se.

De tocar parou o Pedro
E tambem o Sebastião,
Do' faz triste, outro re' lido,
Poneos da' de rabeção.

Falta agora a Gertrudes
Que a Clotilde não desampara;
Levantar-me não saudes
Podem elles de algazarra.

Mas... que é feito da Bernarda
Que faltava p'ra o ranchinho?
Ah! Lá está ella, gatinhada,
Sem tirar de mim o olhoinho.

Alto Vedur, 1^o de outubro de 1897

Julio Viana

A uma senhora que demoradamente
desapareceu uma fina pena em J. Sebastião
(Bricolage)

Procurando emparelhos
Uma perna so, que alto
Saltitar a fusa-mas
Nas exuras rochas vi,

Ha seis mezes bem contados
Seu entre a França e Portugal
Seu procuro nos mercados,
Mas não acho perna igual!

Procurei no extremo - Oriente,
Co' na China e no Japão
E me disse toda a gente:
"Uma so! Pralathos bô!"

Nos Balkans e na Libéria
De Pekim a Bang-kot,
Indostão, Thibet, Libéria,
Fiz andar tudo a reboque.

O que eu queria era imponível:
Uma perna de gnomos

Da de um ~~cto~~, - parece incrível! -
Onde achar uma tal gordura?

Em Paris uma velhota
Diga não ~~se~~ a mim por manter:
«Procuras forma de quita;
«Talvez viva a diurna aranha!»

Healakar, por teu nobre
Lance-me deus que eu procuro
Nim tri-tri⁽¹⁾ que um makololo
Afrikaner e espermatozo.

Leiria, 24-11-97

Jules Verne

(1) Formiga branca indígena da África.

